

Medicina, Comunicação e Cultura

JOÃO M. VIDEIRA AMARAL

Medicine, Communication and Culture

No sentido lato, "Comunicação" é definida como a arte de entender e de nos fazermos entender. Trata-se de um processo dinâmico, bidireccional e interactivo entre o emissor e o receptor, entre nós e aqueles com quem estabelecemos relação^{1,3}.

Para exercer Medicina é fundamental saber comunicar; aliás, a comunicação entre o doente e o médico constituiu, desde sempre, uma das bases sólidas em que assenta o acto clínico consubstanciado numa das suas vertentes principais - a realização da história clínica. Por outro lado, todo o médico tem o dever ético, conforme as circunstâncias, de transmitir ou comunicar com bom senso, rigor e humanismo os dados obtidos, para que o acto clínico seja considerado eficaz e eficiente, permitindo um bom serviço à comunidade. Efectivamente, saber comunicar bem com o doente e/ou a família faz parte dos parâmetros de avaliação da qualidade assistencial em que é dada ênfase à garantia de a mensagem transmitida ser entendida pela outra parte⁴.

Desejava debruçar-me sobre um aspecto formal da modalidade de comunicação escrita clássica, dita científica, dirigida a inter pares, tipificada pelos chamados artigos científicos divulgados em revistas científicas, neste caso, na área biomédica.

Todas as formas de comunicação exigem uma escrita clara e simples, uma construção frásica que não seja confusa assim como uma boa organização. É, pois, fundamental, escrever de forma clara e fácil de compreender - princípio básico da comunicação, como foi atrás referido⁵.

Considera-se que a linguagem é pura ou vernácula quando o seu léxico e construções sintácticas são genuinamente nacionais e autorizados pelos que bem falam ou escrevem.

Todas as línguas vivas, incluindo o português sofrem mutações ao longo do tempo quanto à fonia, semântica e sintaxe, o que é explicado pela importação de vocábulos doutras línguas que hoje já fazem parte legítima do nosso património linguístico. Hoje em dia o inglês tornou-se a língua universal "o esperanto" da actualidade, de tal modo que existem múltiplas revistas científicas congregando um corpo redactorial proveniente dos países mais diversos, adoptando aquele idioma como o oficial⁶.

Igualmente é cada vez mais comum a realização de eventos científicos de diversa índole - seminários, jornadas, congressos, etc., tendo como veículo de comunicação a língua inglesa. O objectivo é promover uma mais eficaz e universal comunicação de dados decorrentes da investigação realizada nos mais diversos quadrantes a toda a comunidade científica^{5,6}.

Assim, não é de estranhar que, no âmbito da linguagem biomédica e de outras áreas técnico-profissionais seja notória a influência do inglês, com a inclusão nos textos de artigos científicos em língua portuguesa de estrangeirismos e de neologismos que os filólogos - os estudiosos e amigos da palavra - consideram vícios de linguagem.

O estrangeirismo consiste no uso de palavras ou construções frásicas próprias das línguas estrangeiras (tomando o nome do país donde foi importado - por exemplo france-

Correspondência: João M. Videira Amaral
Faculdade de Ciências Médicas
Universidade Nova de Lisboa
Clínica Universitária de Pediatria
Hospital de Dona Estefânia
Facsimile: 2145818 72
jmvamaral@mail.telepac.pt

sismo, anglicismo, etc.); de referir, a propósito, que na grande maioria das vezes tal uso é desnecessário no pressuposto de que existe alternativa em português.

O neologismo consiste no uso injustificado e imoderado de vocábulos criados de novo. Muitas vezes a nova palavra é imitação duma palavra doutra língua, "traduzida ou adaptada", o que por vezes poderá ser considerado erro ortográfico de acordo com os prontuários^{6,8}.

Eis alguns escassos exemplos de estrangeirismos: *follow-up* em vez de seguimento; *score* em vez de pontuação ou índice; *screening* em vez de rastreio ou detecção; *performance* em vez de desempenho; *guidelines* em vez de normas de orientação ou de actuação; *slide* em vez de diapositivo, etc.; e de neologismos e de erros de imitação: *randomizado* em vez de aleatório; *citokina* em vez de citocina (dizemos cinema e não kinema); *aerosol* em vez de aerossol; *craneano* em vez de craniano; *rehidratação* em vez de reidratação (escrevia-se já desidratação e não desidratação).

Todos sabemos que a língua não é um sistema fechado; pelo contrário, ela corresponde a um processo vivo que continuamente recebe e assimila. O português do século XXI evoluiu desde os primórdios da nossa nacionalidade a partir do latim; de facto, falamos o latim numa das fases da sua evolução! E o português do século XXI é, substancialmente diferente do português da idade média^{2,3,7,8}.

No entanto, no que respeita ao panorama actual da linguagem biomédica comprova-se a utilização indiscriminada de estrangeirismos e de neologismos, sendo de salientar

que na maioria das vezes há alternativas na nossa língua.

Em suma, entendo, como outros, que defender a língua portuguesa constitui um acto de cidadania e que tal atitude deverá ser defendida pelos seniores que são o modelo de cultura para as novas gerações. Pelo contrário, o não respeito por este princípio contribuirá inexoravelmente para certa forma de colonização e distorção culturais^{9,10}.

Bibliografia

1. Wilson A, Gregory J, Miller S, Earl S. *Handbook of Science Communication*, Bristol, Institute of Physics Publishing Ltd, 2001
2. Cunha C, Lindley-Cintra LF. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, Edições Sá da Costa, 2001
3. Adragão JV, Estrela E, Graça-Moura V. *Novo Acordo ortográfico-Afinal o que vai Mudar?* Lisboa, Texto Editora, 2002
4. Gill PS, Adshead D. Teaching cultural aspects of health: a vital part of communication. *Medical Teacher* 1996;18: 61-64
5. Gomes-Pedro J, Barbosa A. *Comunicar na Clínica, na Educação, na Investigação e no Ensino*. Lisboa, Edição do Departamento de Educação Médica da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, 1999
6. Videira-Amaral JMV. A pureza e os vícios da linguagem biomédica. *Acta Pediatr Port* 1997; 28: 470-474
7. Parreira M, Pinto JMC. *Prontuário Ortográfico Moderno*. Lisboa, Edições Asa, 2003
8. Manuila L, Manuila A, Lewalle P, Nicoulin M. *Dicionário Médico*. Lisboa, Climepsi Editores, 2003
9. Celestino-da-Costa J. *Um Certo Conceito de Medicina*. Lisboa, Gradiva, 2001
10. Esteves J. *Anamnesis-Memória e História*. Lisboa, Bertrand Editora, 1992